

MOACYR SCLAR



A Colina dos Suspi ros

MANUAL DO PROFESSOR



MODERNA

MANUAL DO PROFESSOR

A Colina

MOACYR SCLiar

dos

Suspi

ros

1ª EDIÇÃO

 EDITORA
PITANGUÁ

© MOACYR SCLAR 2021

COORDENAÇÃO EDITORIAL: Marietela Petrieli de Almeida Leite
EDIÇÃO DE TEXTO: Marcelo Gomes
COORDENAÇÃO DA DIGITAÇÃO: Sônia Valquiria Ascoli
GERÊNCIA DA PREPARAÇÃO E DA REVISÃO: José Gabriel Arroio
PREPARAÇÃO DO TEXTO: Iraci Miyuki Kishi
REVISÃO: Roberta Oliveira Stracieri, Nair Hitomi Kayo
GERÊNCIA DE PRODUÇÃO GRÁFICA: Wilson Teodoro Garcia
EDIÇÃO DE ARTE: Elizabeth Kamazuka Santos
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Isabela Jordani
IMAGEM: Luis Molinero/ Shutterstock
COORDENAÇÃO DO PCP: Wendell Jim C. Monteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)	
Scliar, Moacyr A colina dos suspiros : manual do professor / Moacyr Scliar. – 1. ed. – São Paulo : Editora Pitangua, 2021.	
ISBN 978-65-88409-09-1	
1. Literatura infantojuvenil I. Título.	
20-46179	CDD-028.5
Índices para catálogo sistemático:	
1. Literatura infantojuvenil 028.5	
2. Literatura juvenil 028.5	
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427	

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA PITANGUÁ LTDA.

Rua Padre Adelino, 758, sala 4 – Quarta Parada
São Paulo – SP – Brasil – CEP 03303-904



DE ACORDO COM AS
NOVAS
NORMAS
ORTOGRAFICAS



*Ao glorioso S. C.
Cruzeiro, de Porto Alegre.*

*A todos os jovens que
acreditam no futebol.
E nos livros.*



MODERNA

Como Roma, Pau Seco foi construída sobre colinas, mas aí termina toda semelhança: Roma é uma cidade muito grande, Pau Seco tem, no máximo, dez mil habitantes; Roma é uma cidade antiga, Pau Seco foi fundada há pouco mais de um século, numa época em que a criação de gado dava muito dinheiro — hoje dá muito menos. Não estamos falando de uma cidade rica, bem pelo contrário: os casarões meio arruinados da rua principal falam mais de nobreza arruinada do que de empresariado bem-sucedido. Se todos os caminhos levam a Roma, apenas uma estrada leva a Pau Seco, e, diga-se de passagem, muito malconservada. Roma é um nome que até hoje impõe respeito; já a denominação Pau Seco tem sido motivo de piadas e brincadeiras, que são muito mal recebidas pelos pau-sequenses, ciosos de sua virilidade.

Pau Seco tem pouco a ver com Roma, mas tem muito em comum com outras cidadezinhas brasileiras. Você chega e lá está a praça principal, com o coreto, a prefeitura, a igreja, o Clube Comercial, a agência do Banco do Brasil e o café do seu Luís, que serve de ponto de reunião para políticos, profissionais liberais, comerciantes — enfim, os notáveis do lugar, que aliás não são muitos: ocupam no máximo três, quatro mesas do café. Ali também funcionava o cinema, que recentemente encerrou suas atividades — agora é sede de uma seita religiosa, que promete curas

milagrosas aos fiéis e tormentos indizíveis aos inimigos. Cá entre nós, o fim do cinema foi lamentado por muita gente. Pau Seco é uma cidade de poucas diversões. Afora os ocasionais bailes do Clube Comercial e uma ou outra festa típica, não há muito o que fazer. À exceção do futebol, naturalmente.

Nessa época, um passado ainda próximo, a cidade possuía dois times, entre os quais se dividia, mais ou menos igualmente, a população. A rivalidade era feroz. Os torcedores do Pau Seco Futebol Clube não suportavam a gente do União e Vitória, e vice-versa. Ambos os times participavam de campeonatos regionais e enfrentavam vários outros adversários, mas todos esses jogos eram apenas preparação para o clássico que mobilizava a atenção da cidade, o chamado Clássico das Colinas. A denominação tinha razão de ser: o estádio do União e Vitória ficava no alto da Colina de São Pedro e o do Pau Seco, na Colina dos Suspiros. Colinas bem diferentes, aliás. A do União e Vitória era mais alta, com uma bela vista sobre a cidade. Quanto à Colina dos Suspiros, tinha esse nome não por causa do sofrimento dos torcedores do Pau Seco — uma constante na vida do clube, como já se verá —, mas sobretudo por causa do cemitério.

Ah, o cemitério. Era um dos orgulhos da cidade, aquele cemitério. Não porque lá estivesse algum morto ilustre sepultado; ali repousavam vários políticos, vários fazendeiros e empresários, dois poetas, um dos quais escrevera apenas um soneto em toda a sua vida e morrera aos setenta anos. Mas os túmulos! Os mausoléus! E, sobretudo, as estátuas!

O cemitério de Pau Seco era conhecido pelas estátuas. Ali estavam anjos cabisbaixos, ali estavam figuras femininas com o desespero estampado nas faces. A estatuária teve origem no trabalho de um escultor alemão, chegado a Pau Seco nos anos vinte. Esse homem fizera escola: de seu ateliê continuavam saindo, em profusão, peças em mármore e em bronze, com dimensões cada vez maiores — o tamanho da obra era proporcional ao *status* do defunto. Era famoso, o cemitério de Pau Seco — um jornal de São Paulo fizera uma reportagem a respeito — e até figurava como atração turística no folheto publicado pela prefeitura e destinado aos raros turistas que visitavam a cidade. Um detalhe curioso é que, por simples casualidade ou oculta intenção, quase todas as estátuas estavam voltadas para o oeste, para o lado do crepúsculo. E o que estava a oeste do cemitério?

A oeste do cemitério, cercado por altas árvores, ficava o estádio do Pau Seco.

Não era um grande estádio. Não primava pela beleza. Muito menos pela conservação: gramado muito maltratado, arquibancadas — de madeira — em péssimo estado. Uma situação que refletia a do clube. O Pau Seco sempre tivera altos e baixos, e a torcida mais ou menos se resignara com isso, como todas as torcidas, mas de repente a má sorte se apossara do time. Uma série de fragorosas derrotas o havia relegado a uma posição humilhante, e desse atoleiro não havia jeito de sair. Os jogadores sofriam com isso, os torcedores também, todo o mundo se queixava. Todos, menos o silencioso coronel Chico Pedro, o patrono do time.

Fazendeiro na região, o coronel praticamente sustentava o Pau Seco. Como o dinheiro das mensalidades era escasso e a renda dos jogos mais ainda, ele cobria o déficit pagando de seu próprio bolso. Em outros tempos, sua família fora das mais prósperas na região, tendo chegado até mesmo a comandar a política local, mas o coronel era o que se podia chamar de um aristocrata arruinado — volta e meia precisava vender terras para pagar dívidas e, sobretudo, para ajudar o Pau Seco. O coronel adorava futebol. Quando jovem, fora até ponta-esquerda, e não dos piores, segundo o relato dos torcedores mais antigos. Mas uma fratura mal consolidada da perna — consequência de uma queda de cavalo — tirara-o dos gramados. Desde então, assumira o cargo, aparentemente vitalício, de presidente de honra. Na prática, ele era eminência parda: nada se decidia, nenhum jogador era contratado, sem que a diretoria o consultasse.

O União e Vitória também tinha um patrono, Bento de Oliveira Machado. Diferente do coronel, não era fazendeiro, mas sim empresário, dono de uma fábrica de conservas, da empresa de ônibus local e de duas lojas. Filho de um imigrante português, Bento era olhado com desprezo pelo coronel, que o considerava um arrivista. A verdade, contudo, é que, como patrono, Bento tinha muito mais sucesso. Era rico, muito rico — o dinheiro que desembolsava em absoluto lhe pesava. Além disso, hábil como era, atraía para a diretoria vários figurões da cidade, pessoas que detestavam a arrogância do coronel. Alguns estavam contentes com a desgraça do Pau Seco, mas não o presidente Bento. Precisamos de um adversário,

ele dizia, com um maldisfarçado sorriso de satisfação. Era exatamente assim que ele queria ver o time rival: enfraquecido, mas ainda presente nos gramados. Um pouco de resistência não era mau, e ele admitia empates ocasionais — que eram apenas o prelúdio de goleadas acachapantes. O União e Vitória era, ao contrário do rival, um time bafejado pela fortuna.

Não poucas pessoas viam a má sorte do Pau Seco como resultado da funesta proximidade com o cemitério. Do campo-santo avistava-se o estádio; do estádio avistava-se o campo-santo. Às vezes um enterro coincidia com uma partida. E, enquanto a família enlutada soluçava, espoucavam foguetes e ouviam-se os gritos dos torcedores celebrando o gol, que, em geral, não era do Pau Seco. A situação mais difícil ocorreu com o diretor de futebol do Pau Seco, Antão Rocha. Poucos dias antes de uma partida decisiva — Pau Seco x União e Vitória — o sogro dele teve um enfarte: coisa grave. O médico, doutor Medeiros, logo avisou que não garantia pela vida do homem. A família ficou muito abalada, mas, considerando que se tratava de pessoa idosa, setenta e oito anos, conformaram-se e prepararam-se para o pior. A mulher de Antão, conhecendo o fanatismo do marido pelo futebol, foi logo avisando:

— Se o enterro do papai coincidir com o jogo, você vai ao enterro. Ou então pode fazer suas malas e sair de casa.

Foram cinco dias de extrema apreensão. Às vezes parecia que o doente estava melhorando, e Antão tinha esperança de que o óbito ocorresse após o jogo; outras vezes, o estado do ancião agravava-se subitamente e aí, ao

contrário, era por um desfecho imediato que Antão torcia. Incomodava tanto o doutor que este teve de lhe dizer: amigo Antão, eu sou médico, não adivinho, compreendo sua aflição, mas não posso lhe ajudar, a natureza tem desígnios que até mesmo a medicina tem de respeitar.

Essa observação só fez aumentar a ansiedade do dirigente do Pau Seco. Como que a refletir o seu estado de espírito, o céu, até aquela semana limpo, de um azul deslumbrante, agora estava carregado. Poderia chover no sábado, o que significaria um adiamento do jogo, mas só seria uma solução se o sogro falecesse naquele período. Caso contrário, dois fatores passariam a compor a incerteza de Antão: o prognóstico meteorológico e o cardiológico. Para cúmulo da desgraça, o doente chamou a família e formulou o que seria um fatídico pedido:

— Se eu morrer na sexta-feira, quero ser enterrado no sábado, na hora do jogo.

A solicitação tinha razão de ser. Como Antão, o velho era fanático por futebol — só que torcia pelo União e Vitória. Faria tudo para tirar o genro do estádio naquele dia. Antão, que não se relacionava muito bem com o sogro, não teve mais dúvidas: o homem queria despedir-se da vida pregando-lhe uma última peça. E não deu outra: faleceu na sexta-feira à tarde.

A derradeira esperança de Antão era convencer a família a realizar o enterro de manhã. Se tal acontecesse, ainda poderia ir ao jogo de tarde. Iria de luto, naturalmente, e com ar compungido, mas iria. De qualquer forma estaria no estádio, torcendo, ao menos interiormente, pelo

Pau Seco. Para tal, só precisaria convencer os parentes de que, ao pedir para ser enterrado na hora da partida, o sogro já não estava no uso de suas faculdades mentais. E, de fato, o velho sempre fora considerado meio maluco.

O que jamais poderia imaginar, contudo, é que a mulher aproveitaria aquela oportunidade para se vingar. E, na cabeça dela, havia muito do que se vingar. Em primeiro lugar, ressentia-se do mau tratamento que, segundo ela, o marido dispensara ao pai. Verdade, torciam para times rivais, mas Antão fizera coisas que ultrapassavam qualquer medida: fora a um aniversário do velho trajando o uniforme completo do Pau Seco — camiseta, calção, meias, chuteiras, tudo —, o que provocara uma crise, o sogro expulsando-o, furioso, da festa.

— O enterro será amanhã às três — anunciou ela.

Antão, que conhecia bem sua mulher, optou por não brigar. Tentou partir para o racional: não era conveniente esperar tantas horas, fazia calor, o corpo poderia se deteriorar, o melhor era providenciar o sepultamento de imediato ou, ao menos, de manhã cedo. A esposa, porém, manteve-se inflexível:

— Às três, eu já disse. E tem mais uma coisa.

Olhou-o bem nos olhos:

— Você, Antão, fará o discurso. A oração fúnebre.

Aquilo era demais. Perder o jogo por causa de um enterro — e ainda fazer a oração fúnebre?

— Sim, senhor. E quero um discurso bem bonito: você tem de mostrar para o povo de Pau Seco que aquelas histórias de brigas entre você e seu sogro não passavam de intriga. Vá pensando no que irá dizer. Você sempre se

achou um grande orador. Pois agora chegou o momento de provar.

Aquela foi a pior noite da vida do pobre Antão. Não apenas a passou em claro, no velório, como de vez em quando tinha de ouvir as repreensões da esposa:

— Você não está pensando no discurso, Antão. Está pensando no jogo. Eu sei, conheço você. Mas ouça bem: ai de você se o discurso não estiver à altura do papai.

Finalmente clareou o dia e Antão foi liberado. Não para descansar, claro, mas para escrever o discurso. Tão logo saiu do cemitério, contudo, correu para a casa do seu compadre Gregório, que, como ele, fazia parte da diretoria do Pau Seco — era o diretor financeiro — e que tinha fama de ser homem hábil, habilidade sendo o requisito mínimo para a difícil posição que ele ocupava. Àquela hora, seis da manhã, o portão da casa ainda estava fechado, os moradores provavelmente ferrados no sono. Mas Antão não queria saber de nada, precisava falar urgentemente com Gregório. Com sacrifício pulou o muro, e imediatamente foi acuado pelo feroz Golias, o cão-de-guarda, de raça indefinida, mas sem dúvida com péssimos antecedentes. Sou da casa, Golias, sou amigo de seu dono, a gente torce para o mesmo time, o Pau Seco, grande Pau Seco, Golias — Antão conseguiu escapar do mastim e foi bater à janela do compadre.

— Acorda, Gregório. Preciso falar urgente com você. Por favor, Gregório.

Passaram-se uns bons dez minutos antes que um irritado e sonolento Gregório abrisse a janela:

— O que houve, Antão? O que você quer a estas horas?

— Meu sogro morreu, Gregório.

— E daí? — Gregório, irritado. — O velho estava bichado mesmo. Até que durou muito. De mais a mais, você não gostava dele.

— Não é isso, Gregório. O problema é o enterro.

— O que é que tem o enterro?

— É às três, Gregório. Às três da tarde.

— Às três da tarde? — Gregório não podia acreditar no que estava ouvindo. — Na hora do jogo? Mas quem é que inventou essa imbecilidade?

— Minha mulher, Gregório. Você sabe, ela é a filha mais velha, ela é quem decide.

— Ela decide? Mas você não é o chefe da família, Antão? Quem é que manda em sua mulher?

Quase em lágrimas, Antão explicou que a coisa era irreversível: o enterro sairia de qualquer maneira na hora do jogo. Gregório suspirou:

— E o que você quer, então?

— Quero sua ajuda, Gregório. Você é um homem habilidoso...

— Sei, sei — Gregório conhecia bem aquela ladainha: ouvia-a da diretoria sempre que o Pau Seco precisava de dinheiro. — E qual é o seu plano?

Antão hesitou. Finalmente, criou coragem:

— A gente tem de adiar o jogo.

— O quê? — Gregório arregalou os olhos. — Adiar o jogo? Você está louco, Antão! Está completamente louco! Adiar

o jogo? O clássico da nossa cidade? De onde é que você tirou essa ideia maluca?

Mas Antão insistiu. Queria que Gregório fosse com ele conversar com o coronel Chico Pedro:

— Você é jeitoso, Gregório. Pode convencer o velho. Você sabe que ele tem poder para decidir essas coisas, o pessoal do União e Vitória não vai ter coragem de contrariá-lo. Por favor, Gregório, vamos lá.

Tanto insistiu que Gregório acabou se apiedando dele: vestiu-se, e os dois foram, de carro, até a fazenda do coronel, a dez quilômetros dali.

Homem do campo, madrugador, o coronel já estava acordado, sentado na varanda da fazenda. Aguardava, naturalmente, a hora do jogo.

— Coronel — disse Gregório com seu melhor sorriso, aquele que usava para falar com o gerente do banco ou com os jogadores quando estavam com o pagamento atrasado —, nosso amigo Antão tem uma coisa a lhe pedir.

— Diga — o coronel, impassível.

Vacilante, gaguejando muito, Antão contou que o sogro tinha falecido e que a mulher marcara o enterro para o mesmo horário do jogo. O coronel ouviu-o e, depois de um instante em silêncio, perguntou:

— Muito bem. Seu sogro morreu, o enterro é hoje à tarde. O que você quer de mim?

Antão teve de respirar fundo e criar coragem antes de arriscar a pergunta:

— Será... Será que o senhor não podia ordenar o adiamento do jogo, coronel? O senhor vê, o enterro na mesma hora...

O coronel nem vacilou:

— Não.

— Mas, coronel...

— Eu já disse: o jogo vai sair hoje, na hora marcada — levantou-se. — E estamos conversados.

Quando o coronel dizia “estamos conversados”, como bem sabiam Antão e Gregório, qualquer assunto estava automaticamente encerrado. Portanto, despediram-se, entraram no carro e voltaram. Antão acabrunhado, Gregório furioso.

— Eu disse que não adiantaria nada, que o velho é teimoso como uma mula. Mas não, você tinha de insistir. Fiquei mal, Antão. Agora, quando tiver de arrancar dinheiro dele vai ser um parto.

Deixou o amigo na porta de casa e arrancou, sem ao menos se despedir. Durante uns instantes Antão ficou ali, sem coragem para entrar e para enfrentar o rolo que o aguardava. Finalmente abriu a porta — e deu de cara com a esposa, furiosa:

— Onde é que você estava, Antão?

Ele murmurou qualquer coisa sobre ter passado na farmácia para tomar uma injeção. Era mentira, a esposa sabia disso — há anos o marido lhe contava historinhas parecidas — mas ela nem perdeu tempo em desmascará-lo: quis saber do discurso. E — vou falar de improviso — respondeu Antão, exausto. — Me deixa em paz.

A consorte olhou-o, furibunda, mas optou por aceitar a desculpa:

— Muito bem. Mas ai de você se o discurso não sair bem.

Às três em ponto o féretro saiu da capela mortuária para o cemitério. Não havia muita gente: só os parentes mais próximos. Outros tinham dado as desculpas mais variadas, mas seguramente se encontravam no estádio, que já estava cheio. Coração apertado, Antão mirava os alegres torcedores, agitando faixas e bandeiras. Os que estavam nas arquibancadas próximas ao cemitério até acenavam para ele.

O caixão na cova, todos se voltaram para Antão. Era o momento da oração fúnebre. Por um instante, ele olhou os parentes, meio aparvalhado, sem saber o que dizer. Daí veio a inspiração: subitamente ele se dava conta de que faria, sim, um discurso como jamais tinham ouvido em Pau Seco, um discurso para ficar na história da cidade. Respirou fundo, e começou. Disse que o fato de o enterro se realizar na mesma hora não era mera coincidência. Não, aquilo era desígnio divino:

— A vida deste homem, senhoras e senhores, foi um verdadeiro jogo de futebol, uma peleja arduamente disputada. Ele veio vindo lá da linha de fundo que foi sua infância pobre, desamparada, ele avançou pela lateral, arranjando um empreguinho aqui e ali, ele foi subindo na vida, driblando os concorrentes, e quando ele se viu frente a frente com o Grande Goleiro, que é o nosso Criador, ele chutou forte e —

Nesse momento o estádio explodiu: era o gol. Antão não se conteve. Correu até o muro do cemitério...

Gol do União e Vitória, naturalmente.

Depois de ter dado a volta por cima com aquele discurso notável, depois de ter mostrado a sua grandeza,

Antão era derrotado no último momento. Ah, velho bandido, murmurou, e voltou lentamente, com os parentes a olhá-lo entre assustados e revoltados. Em casa vamos ajustar as contas, murmurou a mulher, entredentes. Antão não se importava: depois de mais uma derrota, nada mais lhe interessava. Tudo o que podia esperar era que alguma coisa mágica acontecesse, revertendo de repente a má sorte do Pau Seco.

Vã expectativa. O Pau Seco ia de mal a pior e terminou aquele ano na lanterninha do campeonato regional. O desânimo entre os torcedores era generalizado, a diretoria já não sabia que explicações inventar. Quanto aos jogadores, a má vontade era evidente, principalmente porque estavam com os salários atrasados. Para cúmulo dos azares o clube passava por uma péssima situação financeira, e nem o patrono podia ajudar. Criador de gado, o coronel não estava muito bem de dinheiro: o preço da carne caíra, ele não obtinha muito sucesso nas vendas. Ouvia em silêncio os apelos da diretoria, mas dizia que nada podia fazer.

Foi aí que entrou em cena o doutor Ramiro.

Tratava-se de uma figura bem conhecida na cidade. Baixinho, gordinho, meio calvo, bigodinho, sempre usando um vistoso traje listrado e uma gravata, o doutor Ramiro era uma presença constante no café, nas festas e nas inaugurações. Não importando quem fosse o prefeito, sempre apoiava quem estivesse no poder. De onde vinha o título

de doutor, ninguém sabia, porque o doutor Ramiro não era de Pau Seco, mas sim, segundo ele mesmo dizia, da capital, o que era equivalente a um título de nobreza. Por que escolhera Pau Seco para morar era outro mistério, mas o fato é que acabara arranjando um cargo muito importante, o de administrador do cemitério.

Administrar o cemitério em princípio não era uma tarefa difícil, mesmo porque o coveiro José, mais conhecido como Juca-Segura-Defunto, cuidava do lugar como se fosse sua própria casa. Aliás, era sua casa: morava num chalezinho nos fundos do campo-santo. José conhecia cada túmulo, podia falar horas sobre seus ocupantes — e *com* os ocupantes. Volta e meia era surpreendido batendo um animado papo com os mortos: ah, seu Jorge, as coisas por aqui vão muito mal, o senhor fez muito bem em deixar esta vida, eu só fico aqui porque alguém tem de cuidar do cemitério, senão teria ido também.

José mantinha o cemitério muito limpo, providenciava pequenos consertos, avisando as famílias quando se tratava de um reparo maior. Era com ele que as pessoas combinavam os detalhes dos sepultamentos. Quanto ao doutor Ramiro, administrava, quer dizer, assinava a pouca papelada que havia, supervisionava a contabilidade, que nada tinha de complicado, e, principalmente, planejava.

Planejar era uma coisa que o doutor Ramiro adorava fazer, sobretudo no café, e mais ainda se houvesse gente a escutá-lo. Expunha então suas ideias com o fervor de um profeta bíblico subitamente convertido em *manager*:

— Precisamos nos preparar para o futuro — dizia, em altos brados. — O novo ano vem vindo aí, e tudo vai mudar, inclusive os cemitérios.

E o que teria de mudar no cemitério de Pau Seco? Muita coisa, segundo o doutor Ramiro. Em primeiro lugar, já estavam enfrentando o crônico problema das cidades dos mortos: a falta de espaço. Criado no mesmo ano da fundação da cidade, que já completara um século, o cemitério revelava-se pequeno; qualquer epidemia, por pequena que fosse, qualquer desastre de proporções um pouco maiores, esgotaria sua capacidade.

Mas não era só isso. O doutor Ramiro pensava em um novo conceito de cemitério. Este era um projeto que ele vinha acalentando há muito tempo e que era objeto de muitas reuniões entre ele e o Cardim, um construtor que habitualmente fazia casas modestas, mas que também tinha sonhos grandiosos. Para o doutor Ramiro, os cemitérios padeciam de um defeito fundamental: eram pensados na horizontal, um túmulo ao lado do outro. Ora, assim nunca haveria espaço que chegasse. Sua tese era outra: os cemitérios deveriam crescer, como os prédios de apartamentos, na vertical. Mas as pretensões do doutor Ramiro não se esgotavam aí. Não, o que ele queria, em se tratando de cemitério, era construir um monumento arquitetônico que rivalizasse — por que não? — com as pirâmides do antigo Egito. Assim nascera a ideia da Pirâmide do Eterno Repouso.

A Pirâmide combinaria grandiosidade com espírito prático: uma gigantesca estrutura, com lugar para centenas de jazigos perpétuos. O acesso aos jazigos se faria de duas

maneiras: por um sistema de viaturas, espécie de bondinhos que transitariam por planos inclinados, e também por elevadores internos. O interior da Pirâmide seria oco, mas nenhum espaço se perderia: ali funcionariam as capelas, e também lojas de artigos funerários, além de lanchonetes e lojas de conveniência. A forma de pirâmide permitiria não apenas a economia de lugar mas também a hierarquização dos sepultamentos. Assim, na base seriam enterradas as pessoas mais simples, em jazigos de preços acessíveis; à medida que se ascendesse, os preços — e a importância dos lugares — aumentariam; no ápice seriam sepultadas apenas as pessoas mais gradas, políticos, empresários, profissionais liberais conhecidos da cidade ou de outros lugares. Sim, porque o doutor Ramiro tinha a esperança de transformar a Pirâmide num lugar conhecido, capaz de conferir *status* às pessoas lá enterradas. Mais: queria que fosse uma atração turística. Imaginava turistas vindo de todas as partes do mundo para conhecer o lugar. Se cemitérios como o Père Lachaise, em Paris, eram famosos a ponto de figurar em guias turísticos, por que não a Pirâmide do Eterno Repouso?

Obviamente o doutor Ramiro não estava pensando só nos mortos ou em suas famílias. Um novo cemitério representaria a sua consagração: poderia até passar para as páginas da história como o criador de um novo conceito em sepultamento. Mas não pretendia tanto; bastava-lhe o prestígio local. Se, com base na obra, pudesse se candidatar a prefeito, e depois, quem sabe, a deputado estadual, já estaria satisfeito. Sou um homem modesto, repetia constantemente aos amigos que de há muito ouviam os

seus planos. Planos grandiosos, sim, mas que nunca se transformavam em realidade.

Eram vários os obstáculos. Em primeiro lugar tratava-se de uma obra cara. O doutor Ramiro contava obter dinheiro vendendo, ainda na planta, jazigos perpétuos. Mas para isso precisaria de uma coisa mais concreta, não apenas de um projeto. E aí vinha o segundo problema: o terreno. Nos arredores de Pau Seco ele poderia conseguir um bom lugar, mas o que ele tinha em mente era outra coisa: queria levantar a Pirâmide junto do antigo cemitério. O novo e o velho unidos. O arrojo da modernidade e as clássicas estátuas do escultor alemão. Em outras palavras: o doutor Ramiro pretendia construir seu cemitério no estádio do Pau Seco.

Essa possibilidade ele já mencionara algumas vezes em bate-papos no café. Os torcedores do Pau Seco tinham reagido com tanta indignação que ele, prudentemente, resolvera esperar uma ocasião propícia.

Que agora se apresentava. O Pau Seco estava tão mal de dinheiro que a diretoria talvez acolhesse sua proposta, como forma de equilibrar as contas. Encontrando o compadre Gregório na rua, o doutor Ramiro sondou-o a respeito. Para sua grata surpresa, a reação do diretor financeiro foi cautelosa, mas não desfavorável:

— É uma coisa a ser estudada — disse Gregório.

Prometeu levar o assunto à diretoria, que, naquela época de crise, estava reduzida a quatro pessoas: ele mesmo, Antão, diretor de futebol, Ranulfo, diretor social e primo solteiro de Antão, que gostava de se vestir bem e estava sempre cantando

as moças da cidade, e, finalmente, o contador Sezefredo, o Seze, que era o diretor administrativo.

Reuniram-se, pois, com o doutor Ramiro na casa de Gregório — a coisa por enquanto deveria ficar em segredo. O administrador do cemitério trouxe consigo uma pasta cheia de plantas e de desenhos grandiosos, um dos quais mostrava a Pirâmide, com o ápice envolto em nuvens, erguendo-se majestosa da Colina dos Suspiros. Antão e Ranulfo mostraram-se impressionados, mas Gregório e Seze, mais práticos, queriam saber em que base seria feito o negócio. O que tinha o doutor Ramiro a oferecer?

Não muito.

Como o clube, o cemitério estava mal de finanças. Dispunha de uma propriedade — um grande terreno, onde o Pau Seco poderia construir o seu novo estádio — e algum dinheiro. Mas era só. Isso, contudo, não arrefecia o entusiasmo do doutor Ramiro.

— O que estou propondo aos senhores é que partilhem de nosso sonho. Pensem grande, sejam arrojados: unam-se ao projeto Pirâmide do Eterno Repouso!

Na prática, aquilo significava o seguinte: o Pau Seco receberia parte do pagamento não em dinheiro, mas em jazigos perpétuos, que depois poderiam ser comercializados com sucesso.

— O jazigo perpétuo — explicava o doutor Ramiro — é uma grande invenção. A família não precisa se afligir na hora de enterrar o defunto. E tem mais: é um investimento, porque essas coisas valorizam. Em vez de botar dinheiro

na poupança, o cara compra uns três, quatro jazigos e mais tarde revende com lucro.

A argumentação parecia razoável, mas os membros da diretoria tinham suas dúvidas. Mesmo que os tais jazigos alcançassem bom preço, seria necessário vender muitos deles para obter o dinheiro de que o Pau Seco precisava. O doutor Ramiro, porém, insistia: os jazigos seriam comercializados como pão quente. Era uma inovação sensacional. Além disso, ele estava contratando os serviços de um publicitário da capital, um gênio da propaganda.

— Ele até já escreveu o texto do prospecto que vamos distribuir. Escutem só que maravilha.

Tirou da pasta uma folha de papel datilografada e leu:

“No antigo Egito só os faraós podiam ter enterros suntuosos. Hoje, este luxo está ao alcance de qualquer pessoa: na Pirâmide do Eterno Repouso seu ente querido terá um sepultamento condigno, dentro de um projeto arquitetônico arrojado e aparelhado com todas as conquistas da moderna tecnologia. E você estará participando de um empreendimento que projetará mundialmente a cidade de Pau Seco. Pirâmide do Eterno Repouso: um grande salto para o futuro. Um voo para a eternidade.”

Mirou os interlocutores:

— Então? O que acham?

Os diretores balançaram a cabeça, aprovando. Realmente o prospecto parecia bem bolado. Porém não lhes resolvia o problema: precisavam de dinheiro, e logo; a quantia que o cemitério lhes oferecia não era suficiente.

— Mas os jazigos são dinheiro — repetia o doutor Ramiro. — Isto é um cheque ao portador. Vocês podem, por exemplo, pagar os fornecedores com eles. Garanto que vão pegar com as duas mãos.

Os quatro diretores retiraram-se para um canto, para deliberar. Durante uma boa meia hora discutiram, em voz baixa, porém acaloradamente, enquanto o doutor Ramiro, impaciente, aguardava. Por fim, retornaram à mesa e se sentaram.

— Nós vamos apresentar a proposta ao nosso patrono, o coronel Chico Pedro. Não podemos decidir nada sem ouvi-lo.

O doutor Ramiro não gostou. Suspeitava que o coronel, homem conservador e autoritário, rejeitaria a ideia. Mas não tinha escolha, de modo que, forçando um sorriso, apressou-se a concordar:

— Claro, claro. Falem com o coronel. E levem esta pasta. Tenho a certeza de que, quando ele olhar o projeto, vai concordar na hora.

Os diretores entraram no carro de Gregório e foram para a fazenda.

Encontraram o coronel, como de costume, sentado na varanda. E sua expressão não era das mais amistosas: adivinhava que os recém-chegados vinham lhe falar das dificuldades do Pau Seco. Gregório apressou-se, pois, a informar:

— Não é dinheiro, coronel. Queremos o seu parecer sobre uma proposta que nos foi feita.